

MEMORIAL AOS MORTOS NA GRANDE GUERRA

O Quotidiano das Tropas em Campanha

[Português](#) - [English](#)

A descrição do quotidiano das tropas portuguesas em campanha, durante a Grande Guerra, levanta diversos problemas de natureza histórica, pois foram três os teatros de operações onde actuaram e cada um deles com características geográficas e táticas diferentes. Com efeito, enquanto no sul de Angola as operações militares decorreram ainda a guerra não havia sido declarada a Portugal e continuaram depois das forças germânicas se terem rendido à África do Sul, porque, de facto, o que na realidade se passou foi um processo de pacificação dos gentios revoltados, envolvendo uma força militar que se teve de manter em constante alerta contra as investidas indígenas, no norte e centro de Moçambique as forças militares portuguesas, operando, por vezes em conjugação com as tropas britânicas, tiveram de lutar contra forças militares germânicas, que actuaram de modo pouco ou nada convencional, na medida em que conduziram uma campanha com características guerrilheiras em constante movimento e saqueando o que podiam para sobreviver dentro do território daquela província ultramarina portuguesa; em França já as condições divergiram totalmente, porque a campanha se desenrolou, na prática, sem alterações da frente nem deslocações de tropas, que viveram cerca de um ano em trincheiras diante do inimigo.

Em França

No teatro de guerra europeu coube ao Corpo Expedicionário Português (CEP) a defesa de um pequeno sector com cerca de doze quilómetros de extensão entre Armentières e Béthune, na Flandres francesa, quase fronteiro à cidade de Lille. A colocação no terreno do corpo de exército, composto por duas divisões, fazia-se em profundidade e extensão. Assim, na frente, ficavam, duas brigadas, empenhando quatro batalhões nas linhas A e B, e os quatro restantes em apoio na linha C; das duas brigadas restantes uma ficava em apoio de todo o sector e a outra em reserva. Toda a defesa se centrava nos oito batalhões dispersos entre as linhas A, B e C, sendo que o maior esforço recaía nos das duas primeiras.

A vida nas linhas A e B fazia-se entre manter a vigilância ao parapeto, nas trincheiras, e nos abrigos. Só em situação de alarme todos os efectivos ocupavam os postos defensivos. Entre trincheira e abrigo comia-se, dormia-se e desenvolvia-se toda a actividade possível. A alimentação vinha da retaguarda em grandes caldeirões que chegavam às linhas e abrigos através das trincheiras de comunicação. As necessidades básicas faziam-se em fossas devidamente preparadas para o efeito. Os tratamentos e as idas ao médico tinham lugar nos postos de socorros que ficavam entre a linha B e C. De madrugada e ao anoitecer, a horas certas, os militares dos batalhões ocupavam os seus postos e os respectivos comandantes passavam revista verificando se cada um tinha as munições necessárias e se conhecia as ordens convenientes.

Os batalhões em apoio e em reserva do sector pernoitavam em abrigos improvisados, em currais de quintas ou ruínas de edifícios, e durante o dia dedicavam-se à limpeza do armamento, a receber instrução militar, a tratar da sua higiene pessoal. Todavia, à noite, os de apoio, eram empregues para irem à frente reparar e reforçar as defesas de arame farpado e proceder ao conserto dos abrigos, passadeiras e parapetos desconjuntados. Eram trabalhos ingratos por serem feitos sem a protecção mínima das trincheiras.

Os batalhões das brigadas em apoio e reserva do sector gastavam o tempo durante o dia a ouvir instrução teórica e a repousar do esforço feito nas primeiras linhas. Era a situação que mais agradava às tropas por correrem poucos ou nenhuns riscos. A vida transcorria entre comer, receber instrução e praticar algum tipo de desporto ou jogos físicos colectivos. Era o tempo para receber e dar notícias escritas para as famílias distantes, para saborear o rancho quente e servido a horas, para fazer a barba, cortar o cabelo, tomar banho, mudar de roupa e tratar do equipamento e do fardamento.

Depois de 9 de Abril de 1918 os restos das tropas nacionais, especialmente de Infantaria, foram, por ordem do Alto Comando Britânico, usados em trabalhos de engenharia: abrir estradas, reparar caminhos, construir fortificações. O seu quotidiano alterou-se em absoluto. Passaram a viver em tendas, em zonas mais ou menos recuadas da frente, com um empenhamento pouco honroso. A reviravolta só se deu no mês de Setembro de 1918 com a organização de quatro batalhões que avançaram para as primeiras linhas.

Em África

O quotidiano das tropas nos teatros de guerra africanos variava em função, especialmente, do facto de estarem em marcha ou estacionados, de estarem em aquartelamentos edificados ou em abarracamentos. Em todas as circunstâncias as tropas eram sempre vítimas da picada do mosquito, que foi um dos maiores causadores de baixas por paludismo.

O inimigo mais feroz, depois do mosquito palúdico, em África, foi a distância entre as diferentes bases de desembarque e concentração das forças e as zonas de empenhamento das mesmas. Assim, tanto em Angola como em Moçambique, houve que estabelecer um serviço de etapas, ou seja, pontos intermédios de abastecimento e repouso das colunas em deslocação para as zonas de empenhamento estratégico. Enquanto em Angola o comando se localizou numa zona planáltica para daí conduzir as operações contra os gentios revoltados, obrigando à criação de estações intermédias entre o porto de Moçâmedes, o quartel-general no Huambo e as várias áreas de incursão, em Moçambique o comando instalou-se junto da zona de concentração e desembarque marítimo, tendo que se guarnecer militarmente todo o Norte e Centro do território chegando, quando possível, do Índico ao lago Niassa e a Quelimane. Só percebendo estas terríveis dimensões se compreende que os tipos de vida eram diferentes nos diferentes empenhamentos militares.

As condições de higiene e de alimentação mudavam, mas, em África, foram sempre piores do que em França. O imprevisto imperou nas operações africanas o que levou a que o quotidiano das tropas fosse vivido, quase sempre, sujeito a grandes limitações alimentares, com grande falta de água para beber e totalmente escassa para qualquer tipo de higiene primária. A sede foi, também, um dos grandes tormentos dos militares, especialmente quando em deslocação. Foi comum beber água de charcos, servindo como filtro o lenço de assoar, mesmo que imundo. Os medicamentos faltavam e eram inapropriados para fazer face aos vários géneros de doenças tropicais, assim, o estado sanitário dos soldados era precário e, a prová-lo, está o elevado número de mortos em Moçambique — homens que nem chegaram, na maioria das vezes, a entrar em operações militares. O fardamento não estava adequado ao clima, gerando as mais variadas situações de desconforto. As longas marchas a que muitas vezes as tropas foram sujeitas fizeram-se em condições precárias, a pé, equipados para entrar em combate, mal calçados e sofrendo as agruras do calor e do clima. As comunicações por escrito com as famílias distantes eram demoradas e muito reduzidas.

O quotidiano, em função do desconforto da campanha, fez descer à vertical o moral das tropas empenhadas nas piores missões de combate. Foi preciso o esforço da oficialidade para evitar, por vezes, a derrocada total da capacidade bélica dos soldados.

Bibliografia:

Eça, General Pereira d' — Campanha do Sul de Angola em 1915: Relatório. Lisboa: Imprensa Nacional, 1923;

Fraga, Luís Alves de — Actividades nas Linhas – Quotidianos. In Afonso, Aniceto; Gomes, Carlos de Matos (Coord.) — Portugal e a Grande Guerra: 1914-1918. Vila do Conde: Verso da História, 2013, p. 352-355;

Martins, General Ferreira — Portugal e a Grande Guerra. 2.º vol. Lisboa: Ática, 1935.

Luís Alves de Fraga